

Saudi O direito de ficar doente

Wagner Teixeira

A vida do cidadão brasileiro não está fácil ultimamente. Você liga a televisão para ver a Xuxa e ela não aparece. Em seu lugar, o Sérgio Mallandro, que desce de um grindaste improvisado para seduzir as crianças telespectadoras. Você pensa em visitar os parentes durante o Carnaval, e lá vem aumento de passagem. Telefones, correios, ônibus — todos os preços e tarifas têm alta programada. Deste modo, sob este tipo de pressão, é muito difícil manter a saúde física e mental em dia.

Não é demais repetir o chavão de que o Brasil é um grande hospital, com pacientes de todas as patologias já classificadas. Acresce o fato de que, como os recursos de medicina preventiva são escassos, estamos preparando uma nova geração de enfermos, que poderia ser salva se houvesse saneamento básico adequado, assistência total e gratuita à infância e à adolescência, com especial atenção aos meninos de rua. Aliás, estes menores abandonados — alguns são infratores — constituem-se no tema predileto dos correspondentes estrangeiros, saudáveis cidadãos de países em que as questões fundamentais da saúde já foram resolvidas há muito tempo.

Diariamente, chegam a nós relatos de óbitos ocorridos em filas de ambulatórios, por falta de atendimento médico. O Código Penal, que prevê o crime de omissão de socorro, não é aplicado e a impunidade vai-se constituindo em padrão. Antigamente, o mundo era dos espertos. Agora, é dos espertos que escapam das malhas da lei.

O desrespeito à saúde do brasileiro tornou-se regra quase geral. Já não se poupa sequer o Presidente da República. Ele também não tem o direito de ficar doente, recolher-se à privacidade de sua casa e conduzir o expediente diário da forma que lhe for mais suave, sem perda de eficácia. Há olheiros por todos os lados, gente que fica à

espreita, em busca de pequenas informações com que possa compor um painel escandaloso. E a vida de Collor é duplamente complicada: se ele exhibe dotes atléticos, com tempo cronometrado, a demonstração causa assombro; se decai de ritmo, grandes boatos se alçam aos cabeçalhos dos jornais. Parece não haver saída para o dilema de um jovem e ativo Presidente. Ele não tem o direito de adoecer.

Felizmente, o novo ministro da Saúde, Adib Jatene, passa a integrar o Governo com respaldo de experiência anterior na Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. É sabido que ele deu especial atendimento às populações da periferia e manteve em operação os hospitais auxiliares do sistema previdenciário. Além do mais, deixou o cargo sem qualquer mácula e voltou, tranquilamente, ao trabalho de médico e professor. Mais do que ninguém, Jatene parece estar predestinado a mudar os conceitos errôneos e caducos que informam o exercício da medicina e o trato com os pacientes.

Do jeito que o País anda, retratado na televisão com cenas de um **mondo cane** realista, não há muito o que esperar para investir pesado na resolução desse caos devastador que é a situação da saúde no território nacional.

Se o Presidente sofre de alguma doença séria, este é um problema dele e de sua família. A situação de paciente só poderá ser reconhecida quando ele resolver comunicar à Nação a verdade sobre suas condições de higidez. A questão é extremamente pessoal. Se não lhe dão o direito de ficar doente, ele, pelo menos, tem o condão de administrar sua vida privada, a salvo dos abelhudos de todos os gêneros.

E, como demonstra vigor presidencial, seria muito bom que fizesse uso de sua celebérrima caneta para aprovar os planos, orçamentos e medidas legais indispensáveis para que todos os brasileiros possam adoecer em paz e se beneficiar da mais moderna assistência terapêutica.